



## TRAGÉDIA NO SUL



Nos bairros das cidades atingidas pelas chuvas, o cenário que se repete, com as ruas cobertas pelas águas; no meio da catástrofe, o cavalo que resistiu no telhado é desejado por mil pedidos de adoção

# Relatos da tragédia e meio milhão desalojados

**Correio** acompanha o drama dos gaúchos que perderam tudo, que enfrentam falta de água e luz e resistem em deixar suas casas para trás com receio de saques do que sobrou de uma vida inteira; depoimentos do cotidiano dos sobreviventes

» HENRIQUE LESSA  
ENVIADO ESPECIAL

Fotos: Henrique Lessa/CB



Não há previsão da volta de alguma normalidade no estado, que segue dependendo de todo tipo auxílio, que vai da ajuda do governo federal às doações dos cidadãos do país

**Canoas (RS)** — A tragédia com as chuvas no Rio Grande do Sul já deixou mais de meio milhão de pessoas desalojadas. São 537.380. O número de mortos chegou a 136 pessoas. Apesar do perigo, desses números e das fortes chuvas dos últimos dois dias, nem todos os isolados pelas águas aceitam abandonar suas casas. Cercados, sem energia elétrica, centenas de moradores da Região Metropolitana de Porto Alegre resolveram esperar até o último minuto dentro de casa com o receio de assaltos e saques.

O **Correio** visitou de barco o bairro Mathias Velho, um dos mais afetados em Canoas, e conversou com alguns moradores que permaneceram nas janelas e varandas de suas casas, sempre com dois, ou mais, andares. Conforme o barco com a reportagem passava pelas casas, alguns moradores pediam água para beber ou cumprimentavam alguém em alguma das inúmeras embarcações que cuidadosamente circulam entre os restos da cidade.

Depois da destruição e saques realizados no comércio local, muitos objetos curiosos boiam sobre as águas. Navegar nessa área é deparar-se com pedaços de manequins de boutiques fluando entre caixas de remédio

e roupas. Objetos que vão esbarando nas embarcações.

Nesse cenário de destruição, a circulação é cuidadosa. Cercas e muros que antes serviam de proteção, agora são armadilhas submersas para as embarcações que tentam se aproximar das casas para atender aos moradores. Todos apontaram que, apesar dos riscos, resistem em abandonar suas casas, para evitar saques contra os imóveis e indicam uma baixa confiança

na capacidade de resposta das autoridades na proteção da região.

Luiz Carlos, de 60 anos, trabalha com a confecção de toldos para lojas e garante que não deixará a casa onde vive. “Eu não tenho o que fazer na rua, eu serei apenas mais um. Risco aqui não tem. Os bombeiros passam a toda hora, mas eu não posso sair. Durante a noite estão roubando tudo”, disse.

Vendedor de frutas do Ceasa, Luiz Carlos se junta ao filho de 15

anos, à mulher e mais duas famílias de vizinhos. Eles compartilham os dias ilhados em prédio de dois andares e garantem acreditar ser mais seguro continuarem em casa, já que não acreditam no risco de uma nova subida das águas, apesar da chuva persistente. “Ficar aqui em casa é mais seguro, aqui na frente teve vários casos de roubos, de saques. Aqui no prédio nós selamos as portas todas, ninguém entra aqui, e enquanto eu puder ficar

aqui, nós não vamos sair”, garantiu.

José Leal, socorrista integrante da Defesa Civil de Macapá (AP), depois de uma semana resgatando, diz-se impressionado por ter visto uma destruição digna de um cenário de guerra. Segundo ele, muitas pessoas tidas como desapercebidas podem ter sido encurraladas dentro de suas casas com a velocidade com que as águas subiram. “Estamos resgatando, mas nem todos. A prioridade são

os vivos”, comentou o voluntário sobre o resgate de corpos.

Integrante da Força Nacional e investigador da Polícia Civil do Amazonas, Luke Carvalho, apesar de ser de um estado habituado com cheias de rios, diz que se surpreendeu com a destruição com a qual se deparou. “Por ser da Amazônia, nós estamos acostumados com enchentes nas regiões ribeirinhas, mas não nessa proporção, isso aqui é gigantesco”, disse o policial.

## Fila de adoção de “Caramelo” tem mil interessados

**Canoas (RS)** — Para o prefeito de Canoas (RS), Jairo Jorge (PSD), não há dúvida: “Caramelo é canoense e deve permanecer na cidade”, disse ao **Correio** o chefe do Executivo municipal. Mas o animal resgatado do telhado de uma casa após ficar dias ilhado quando as águas subiram, virou um símbolo de esperança na maior tragédia climática que já afligiu o país.

O equino, que recebeu o apelido de Caramelo, foi transferido para o Hospital Veterinário da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) e, antes mesmo de se recuperar totalmente, virou celebridade.

Apesar da visita de dezenas de jornalistas, o animal demonstra um comportamento dócil e que mostra curiosidade sempre que alguém se

aproxima do estábulo onde segue em observação.

Ter virado uma celebridade nacional tornou o destino e a posse do animal razão de controvérsias. Mesmo com a fala categórica do prefeito de que Caramelo é canoense, famosos, como Giovanna Ewbank, Felipe Neto e até mesmo a primeira-dama, Janja Lula da Silva, teriam mostrado interesse em adotar o animal.

Outro interessado que se apresentou à secretária municipal do Bem-estar Animal, Fabiane Tomazi Borba, responsável por assinar a destinação do animal, foi um dos seus salvadores. Trata-se do estudante de veterinária Fábio Tuchi, de 26 anos, que integrou a equipe de veterinários voluntários especializada no resgate técnico de grandes animais, com a coordenação do

professor de veterinária da Universidade de Sorocaba (SP), Leonardo Castro, e o apoio dos bombeiros do estado de São Paulo.

“Eu quero adotá-lo e levar para morar com a gente. Tenho certeza absoluta. Na hora que você vê toda a situação do resgate, rola um apego e a vontade de cuidar dele”, disse o estudante.

Mas além do jovem salvador do cavalo, ao menos mil pessoas

demonstraram interesse em adotar o animal e ao menos dois moradores da cidade reivindicam a propriedade sobre o equino.

### “Tostado”

Um dos moradores da cidade, Sérgio Luiz Padilha diz ser comerciante de cavalos e se apresenta como o proprietário do “Tostado”, antigo nome do Caramelo, mas sem

conseguir apresentar comprovantes ou mesmo fotos do animal.

Mas Tomazi Borba lembra que apesar de Caramelo ser um símbolo, mesmo antes das chuvas o município procura novos tutores para 80 equinos resgatados na cidade.

A secretária conta que, com a enchente, a cidade já tem mais de 20 mil animais que precisam de um novo lar. Ela aponta que a Prefeitura ainda deve aguardar que os tutores reivindiquem os seus animais, mas já antecipa que muitos deles serão abandonados. A servidora ainda sugere que empresas aéreas regulares sejam parceiras para que pessoas de todo país possam adotar esses cães e gatos que perderam suas casas para as águas, mas que também merecem um novo lar.

Para Henrique Mondardo Cardoso, veterinário responsável pelo tratamento de Caramelo, o momento crítico já passou, mas lembrou que muitos animais estão chegando ao hospital veterinário. E lembra que nem todos os equinos chegam com a mesma sorte. “Nós temos muitos equinos para adoção na cidade, mas o Caramelo recebeu todos os holofotes. Muita gente quer adotá-lo, mas temos ainda muitos cavalos precisando de adoção e de um local para viver”, lembrou o médico veterinário.

Cardoso ainda citou que os resgates desses animais de grande porte sempre são muito complicados, já que eles pesam no mínimo 200 quilos, o que torna toda a operação bem mais difícil. (HL)



Confira imagens da tragédia das chuvas que afligem os gaúchos